

Memórias, oralidades e identidades geracionais: Biografando histórias de idosos silenciadas

Silêde Leila Oliveira Cavalcanti

* A autora é professora assistente da UFCG e doutoranda pela UFPE.
sileilaoc@hotmail.com

Este artigo apresenta e problematiza algumas questões e desafios que envolvem o trabalho de historiadores na pesquisa com fontes orais, buscando problematizar as funções sócio-antropológicas das memórias, instrumentalizadas na investigação das memórias afetivas, das identidades sentimentais e dos códigos culturais de gênero e de geração, desenvolvidas no meu trabalho de doutorado em andamento. O estudo se insere no campo das oralidades e memória de idosos paraibanos que residem em instituições asilares e que frequentam grupos de terceira idade, na cidade de Campina Grande, Paraíba. A nossa investigação adentra no universo das produções de identidades etárias (as concepções e experiências sobre a velhice), e as identidades amorosas de homens e mulheres "velhos", através de relatos de vida, de suas memórias e de suas experiências em relação as subjetividades familiares, geracionais, sentimentais e sexuais. A pesquisa é reveladora da fertilidade das memórias, das biografias e oralidades como campos de pesquisa e de estudo, configurando-se em desdobramentos teórico-metodológicos em evidência nos campos da antropologia, da sociologia e, especialmente, da História. O aprofundamento e a qualificação desse debate é fundamental para os estudiosos do campo da História.

Articuladas a essas questões de produções identitárias, problematizamos sobre as potencialidades das biografias, no sentido de promover o reconhecimento social desses personagens silenciados e como suporte de produção do conhecimento histórico, apontando as possibilidades dos relatos de si como artes ou estéticas da existência, como formas de invenção de si e de produção de identidades, atentando, junto com estudiosos, como Gaston Pineau, para a importância multidimensional do movimento biográfico no campo das ciências sociais e humanas, seja para os especialistas, seja para

todos os indivíduos que buscam nos relatos orais ou escritos uma estética ou uma arte de existência à luz da hermenêutica sujeito foucaultiana

Memórias: Saberes históricos e estéticas de invenção de si

Nas três últimas décadas vivemos um verdadeiro “frenesi da memória”, irrompendo-se nos campos da historiografia, da antropologia, das ciências sociais como um todo, evidenciando-se uma revalorização das fontes orais como instrumento e caminho eficaz de revisitação, reatualização das lembranças e do passado vivido e meio de produção de saberes históricos. A crença do direito/dever da memória como caminho de reconhecimento social tem sido enfatizada por movimentos sociais e atitudes políticas de determinados grupos sociais marginalizados e silenciados sócio e historicamente em seus valores, demandas e desejos. Assiste-se a um acúmulo de falas e uma operacionalização com grau cada vez mais sofisticado e eficaz, demarcando territórios identitários como culturas afirmativas e inclusivas de grande fôlego, depurando uma questão sensível do reconhecimento social de indivíduos, grupos e tribos marginalizadas.

O desejo existencial e acadêmico de investigar temáticas no campo das subjetividades e dos sentimentos, tendo como recorte temático as sensibilidades afetivas de idosos(as) na contemporaneidade articuladas as identidades de gênero e de família, me conduziu ao encontro de biografias, lembranças, narrativas e memórias como suporte documental imprescindível para as minhas análises e elaborações teórico- metodológicas da pesquisa do trabalho de doutoramento que ora se realiza. A questão do corpo envelhecido e suas subjetividades e cartografias amorosas são falas muito recorrentes entre muitos dos indivíduos que ora demarcamos como foco de análise; seja pra recordar com saudade, para ser ouvido e fugir da solidão, ou para rejeitar, silenciar, se arrepender, ou ainda, para pensar e viver projetos amorosos num momento que os especialistas consideram estranho. Esses campos de abordagens tem muitas trilhas inexploradas e desejantes de investigação, configurando-se como caminho de afirmação dos cientistas sociais, em especial dos historiadores, como indivíduos comprometidos com o reconhecimento e acolhimento das identidades e das diferenças há muito marginalizadas e silenciadas.

As memórias como fonte histórica e a história oral e/ou a análise do testemunho oral são, respectivamente, os documentos e a metodologia escolhida na construção do referido trabalho. Debruço-me sob as memórias involuntárias, fugidias, abandonando o campo da memória voluntária, já historicizada e consagrada na contemporaneidade, visto que na operacionalização da historiográfica das memórias tem se dado ênfase e consagração a memória como faculdade intelectual e cognitiva, como produtora do conhecimento, mutilando a polissemia das memórias em suas várias dimensões e estatutos, tão bem enfatizados por Proust e Bérghson. Desse modo anuncia-se um aprisionamento da memória pela história conhecimento que a interpela e a nega a partir de seus princípios racionalizantes e reducionistas, desconsiderando a trifuncionalidade da memória (SEIXAS,2001), que seriam a memória-ação, a memória-afetiva e memória conhecimento e logo

a insistência historiográfica exclusiva da memória voluntária negligencia a dimensão afetiva e descontínua das experiências humanas, sociais e políticas, a função criativa inscrita na memória de atualização do passado...()...penso ser necessário incorporar tanto o papel desempenhado pela afetividade e sensibilidade na história quanto o da memória voluntária..()...visto que não há memória voluntária que não venha carregada de afetividade e, ainda que a integralidade do passado esteja irremediavelmente perdida, aquilo que retorna vem inteiro, integro porque com suas tonalidades emocionais e “charme” afetivo.(SEIXAS,2001: 44/47)

Recusando o apego a memória voluntária e optando pela a escuta/análise das memórias involuntárias, trilho um percurso que não comunga com a desqualificação das memórias dos sentimentos e dos (res)sentimentos, que as insere no terreno de irracionalismo avesso à história. Nesse sentido considero as memórias menos como conhecimento e razão e, mais como sensibilidade e afeto, recorrendo a dimensão ética da memória, visto que “lembramos menos para conhecer do que para agir”, afirma Ansart recorrendo a Todorov e Habermas. Esse atributo fortemente ético, certamente incide sobre as condutas dos indivíduos e dos grupos sociais que com suas memórias extremamente diversificadas irrompem e invadem a cena pública em busca reconhecimento, visibilidade e articulação. Mergulhar nas águas turvas e duvidosas das memórias involuntárias, atentando para sua

multiplicidade e vulnerabilidade torna mais desafiante e enriquecedora o trabalho do historiador que recusa simplificações e unificações de narrativas e interpretações historiográficas.

A gestão dos sentimentos e dos (res)sentimentos(ANSART, 2001) nos coloca em várias direções, a das relações entre os sujeitos individuais, sua afetividade e práticas sociais, a da construção de identidades pessoais, de grupos alimentados e acalentados por cargas afetivas e por modos de pensar diferentes do nosso. A noção de (res)sentimento ora anunciada e elaborada na obra A genealogia da moral de Nietzsche, aponta para o caráter polêmico e enigmático, entendendo-a a partir do cruzamento de três abordagens complementares: história, psicologia e sócio-política (ANSART,2001). Nesse sentido, aponta o referido autor, Nietzsche retém a história dos sentimentos, o ódio que anima e produz outros sentimentos e outros sentidos e ações, destrutiva ou não, e ainda, fala do ódio interiorizado e recalcado pelos inferiores, denegado por aquilo que representa e metamorfoseado em valor positivo, fazendo do (res)sentimento uma configuração psíquica e cultural, um hábito próprio da decadente sociedade ocidental.

A questão dos elos entre memória e sentimento estão ainda por ser efetivamente tecidos e explorados em meio a tradições historiográficas que devoram e anulam as emoções como canais de reconhecimento, escuta e atualizações das experiências humanas. Os sentimentos amorosos, de (des)afetos, de ódio, bem como as marcas simbólicas e cicatrizes sociais foram recusados, por uma abordagem racionalizante, como fontes de historicidade, produção de sentidos e de significados na produção de saberes sociais e históricos.

Biografias e produção de identidades

As abordagens sobre relatos de vida, de cunho (auto)biográficos, proporcionam o desfilar de palavras- pessoas cujos propósitos de vida não se confundem com os destinos oficiais, pois são personagens anônimos que nada fizeram de “ histórico”, viveram simplesmente suas vidas como centenas e milhares de contemporâneos, atores indizíveis pelas histórias oficiais. Mergulhar nesses meandros, exige dos historiadores sensibilidades para pensar o sentido estético de seus contemporâneos e para observar como uma experiência narrada oferece fragmentos de vida.

Os personagens centrais dessa história são os narradores que não buscam recuar-se do presente para reviver os acontecimentos, pois rememorar é uma atividade orientada pela atualidade (BOSI, 1994), os relatos se dão na perspectiva do presente, apoiando-se em “fórmulas verbais para acomodar o passado”, ocorrendo que o trabalho de rememoração aparece “como um ato de intervenção no caos das imagens guardadas”. (MALUF, 1995).

A memória como prática social e gênero literário (BOSI, 1994; LACERDA, 2000), é marcada pelo discurso-verdade, desejo evidenciado nas escrituras (auto) biográficas. Nas histórias e nos relatos de vida as lembranças aparecem como produtos de um testemunho ocular da história do seu tempo, promovendo ao depoente a elaboração de seu discurso de forma impermeável as ambivalências, subjetividades e as interpretações pessoais. Nesse jogo de relatos de si encenam-se simultaneamente sentidos, traços, concepções, impressões que revelam o esforço de enquadramento da memória, buscando retirar as impurezas e tensões que conspiram contra uma identidade, uma escrita de si coerente, linear e lógica.

No trabalho de pesquisa e análise das reminiscências e marcado pelas limitações e possibilidades do uso da memória, se faz necessário a constituição do pacto autobiográfico, a partir da experiência pessoal revelada a outro, num acordo tácito de um eu autorizado pelo próprio sujeito enunciador (LACERDA, 2000). A operação com as reminiscências é uma tarefa complexa, pois nesse pacto autobiográfico nada é esquecido ou lembrado, logo o trabalho com a memória é uma recriação, no presente, do passado, ou uma reinvenção do passado no presente. Os lapsos de memória podem, assim, ser considerados não apenas falhas ou rupturas, mas como parte do próprio texto. Isso é bem sinaliza como “se a palavra é uma forma de dizer, é também uma forma de ausência. Essa ambivalência da palavra inscreve-se diferentemente em cada depoimento” (LACERDA, 2000:88)

Os relatos de experiências passadas, bem como as escritas autobiográficas, denotam uma operação catártica, instaurando, quase sempre, uma atmosfera de dores, nostalgia, melancolia. Movidos muitas vezes pela saudade, velhice, temor a morte e a sensação de ruptura irreversível do passado com o presente e a perda de si mesmo, essas narrativas, orais ou escritas, buscam uma nova estética de existência, como caminho para inventar sentidos e de ser inventar a si mesmo.

Memórias e o movimento de biografização das existências

Alguns estudiosos consideram a pesquisa entorno dos relatos de histórias de vida como uma revolução metodológica, fundada em um paradigma do conhecimento experiencial que valoriza a reflexividade produzida a partir de vivências singulares (JOSSO, 2006). Essas tentativas de expressão de temporalidades vivida pessoalmente, são também consideradas como artes formadoras da existência (PINEAU, 2006). Uma considerada efervescência pluri, inter e transdisciplinar do movimento biográfico é reveladora de muitas inquietações e interrogações que merecem reflexões e apontamentos. Aqui refletimos entorno dos desafios e disposições em investir e pesquisar sobre os sentidos históricos, lingüísticos, antropológicos e psíquicos dos relatos autobiográficos.

Colocando em questão a natureza e as potencialidades do movimento de biografização dos homens, Pineau (2006) nos lembra que quando Foucault dispõe sobre a hermenêutica do sujeito anuncia uma outra estética de invenção de si e/ou uma outra arte de existência entre os gregos, situando que o preceito do conhecimento de si está ligado ao ocupar-se de si mesmo, cuidar de si para existir e (se) governar de modo autônomo. Nessa perspectiva, o referido autor sugere que o movimento de biografização pode ser pensado na ótica das artes da existência anunciada por Foucault, onde os relatos de si não seriam, senão, uma nova estética ou arte da existência, que ocorre no campo da produção das identidades e das subjetividades sempre em aberto e em reinvenção.

A biologia como saber e discurso científico sobre a vida que ganha visibilidade e dizibilidade a partir do século XIX, irá desautorizar outras expressões subjetivas dos seres vivos de qualquer valor científico, conferindo-lhe tão somente valor estético e artístico. Outras escritas e abordagens irão reconhecer a riqueza do recurso biográfico, a exemplo da Escola de Chicago que considera a perspectiva biográfica como arte metodológica de conhecimento social, e do próprio Dilthey que, como um dos primeiros hermenutas, apresenta a autobiografia como arte, senão uma hermenêutica de articulação de experiência, de expressão e de compreensão do sentido da vida. Na atualidade ocorre um verdadeiro “boom” das pesquisas que se debruçam sobre histórias e relatos de vida, realçando o caráter (auto)biográfico dessas narrativas.

Nessa direção, sinaliza-se uma certa perspectiva de apropriação de novos espaços de pesquisa-ação-formação, visto que,

“o movimento de biografização atual da vida inscreve-se, em nossa opinião na ultrapassagem de um segundo limite, pós-moderno, de uma modernidade biológica, de uma revolução bio-ética e biopolítica, que atribui aos indivíduos a carga de construir sentidos em sua vida” (PINEAU,2006: P.55).

E, certamente, na contemporaneidade, assinala o referido autor,

“A vida que procura entrar na história não é mais somente a dos notáveis, mas aquela de todos que pretendem tomar suas vidas nas próprias mãos e que se lançam nesse exercício reservado até então à elite. O movimento de entrada da vida na história é, portanto, duplo e ambivalente: é o de todas as vidas, mas, também, de todos os seres vivos” (PINEAU, 2006: p.55)

O referido autor nos remete a problemática das histórias de vida como “prática antrogenética ou autopoiética, isto é, como pesquisa e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais” que recusa os escaninhos das disciplinas se revela transdisciplinar, talvez, em virtude de sua expressão “espontânea” ou “selvagem” em tensão com as regras científicas. Situa, saberes-poderes sobre a vida, crise tanto bio-ética, biopolítica quanto biocognitiva e na luta pela tripla atribuição de sentidos (afetivos, conotativo e cognitivo), distintos e imbricados. Desse modo, é imperativo aos indivíduos a tarefa de construir sentido em suas vidas.

Nessa perspectiva, a pesquisa com relatos orais, histórias de vidas, de amores, de saudades, a partir de uma abordagem (auto)biográfica é uma tarefa desafiante e complexa, visto que,

“a invenção de si pressupõe como possível um projeto de si, o que implica uma conquista progressiva e jamais terminada de uma autonomia de ação, de uma autonomia de pensamento, de uma autonomia de nossas escolhas de vida e nosso modo de vida. Porque, finalmente, a invenção de si é uma posição existencial que se desdobra no cotidiano e não somente em contextos e situações particulares.”(JOSSO, 2006: 12)

A invenção de si é possível porque os signos, traços e símbolos são instituintes e instituídos em dimensões polissêmicas e essa polissemia incita a partir em busca dos seres no mundo potenciais e de si inventar mediante seus próprios projetos. Os fragmentos de memórias, podem ser transformados em recursos e possibilidades metodológicas, para se pensar o olhar retrospectivo sobre si mesmo e o desejo de compor uma continuidade entre passado e presente, tão marcante nos relatos e histórias de vida que ora me debruço. A fertilidade apontada nas análises dessas narrativas, revelam algumas questões importantes, que apresentamos a seguir.

Memórias e estéticas de amores idealizados e realizados

Nesse processo de radiografar as múltiplas cartografias amorosas dos idosos, perguntamos sempre pelo que foi vivido no passado, seus códigos e comportamentos, ao mesmo tempo que, interrogamos sobre suas percepções em relação ao novos códigos amorosos que “regem” hoje as gerações mais jovens, de seus filhos e netos.

Os diferentes modos de institucionalização do envelhecimento (asilar e recreativo) também produziria discursos e identidades diferentes sobre sensibilidades amorosas? Haveria um silêncio desses sentimentos, do desejo de vivê-los e de sua vivência entre os sujeitos inseridos nos asilos em contraposição a uma explosão discursiva e experimental no universo dos grupos recreativos de terceira idade? Os “abandonados dos asilos” viveriam do saudosismo, enquanto os idosos ativos e sociáveis tenderiam para a o uso dos prazeres, a atitude de viver novas relações ousadas e marginalizadas?

A pesquisa inicial é reveladora de comportamentos e crenças diversas, onde nos deparamos, ora com indivíduos que desejam preservar as lembranças e as imagens em torno de suas experiências amorosas, ora com aqueles que evidenciam uma transformação na forma de subjetivar e olhar o seu passado e as memórias de seus sentimentos. A atitude diante de suas memórias afetivas vão desde a saudade e a

rejeição, do esquecimento e silêncio à explosão discursiva, vislumbrando-se múltiplas dimensões para narrativa histórica.

Os experimentos amorosos e os discursos em torno deles são reveladores de reapropriações as mais ricas e diversas de padrões socialmente aceitos para uma geração de idosos ou até mesmo para uma geração de jovens. A pesquisa em torno das experiências e crenças amorosas de idosos campinenses, ainda muito incipiente, não nos permite traçar tendências comportamentais e de valores nas práticas relacionais, mas apenas sugere impressões, rasuras e traços sobre as sensibilidades desses homens e mulheres.

Nas falas de muitos dos depoentes- frequentadores do centro de convivência- é predominante a recusa ao sentimento de velhice, ao mesmo tempo que revela uma saudade do “ser jovem” associado a idéia do ser sonhador, romântico, apaixonado. Daí o significado desse espaço recreativo como experiência transformadora de suas vidas, retirando-os da solidão, abandono, rejeição e depressão. Lugar que proporciona a realização de sonhos que foram reprimidos nas suas juventudes, o centro é o cenário da festa, da sociabilidade, amizades e amores maduros e promissores

Quando interrogados sobre suas concepções sobre o amor, alguns discursos afirmam uma crença inabalável no amor, enquanto outros enveredam pelo perspectiva do amor enquanto ilusão. Em geral, existe uma separação entre sentimento amoroso e casamento, visto que os grandes amores e paixões não são, na maioria das vezes, constituidores de casamentos. Esses muitas vezes acontecem por medo (por parte das mulheres) de se tornarem “vitalinas” e de morrer sem deixar descendentes (por parte dos homens). Até mesmo odiando, rejeitando e considerando “feio, desagradável e deselegante” muitas mulheres se submeteram ao matrimônio, alegando que com o tempo a amizade, a admiração e o respeito foram sendo construídos, principalmente com a chegada dos filhos.

Os idosos que vivenciam o cotidiano nos centros argumentam que o fato de serem maduros, viúvos e livres das obrigações da família os torna privilegiados para os encontros, romances e novos casamentos. Nesse sentido, os amores frustrados são associados muitas vezes ao poder “abusivo” que as famílias tinham sobre a vida dos filhos e parentes, quanto jovens. As proibições se justificavam em fundamentos moralistas, racistas e preconceituosos do tipo: não deve se casar com filho (a) de mãe

separada ou solteira, com negro (a) ou filho (a) de negro(a), com pobre e/ou desempregado e ainda com rapazes farristas e moças de festas. Muitos idosos afirmam que estando longe destas prescrições familiares, hoje se sentem mais livres para viver amores fora destes padrões (“apesar dos filhos darem palpites”) e se consideram muito felizes, mesmo cercados de muitos preconceitos que associam a velhice a ausência de experiências amorosas e sexuais.

Essas poucas impressões e traços, ainda superficiais, é resultado de uma pesquisa em andamento e, certamente, irão adquirir contornos mais delineados a partir do aprofundamento da pesquisa e de uma análise mais ampla, apurada e sensível dessas histórias de amores e saudades dos idosos campinenses/paraibanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. As dobras do dizer: Da (im) possibilidade Da História Oral. IN: **História a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007

_____. As sombras do tempo A saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história IN **História e Sensibilidade** ERTZOGUE, Marina Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes Brasília: Paralelo 15, 2006

ANSART, Pierre história e memória dos sentimentos IN **Memória e (res) sentimento: Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: editora de Unicamp, 2001

BAUMAN, Zygmunt **Amor Líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de psicologia social**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

BRESCIANI, Stella ; NARAXA, Márcia (orgs.) **Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora de Unicamp, 2001

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**. Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DEBERT, Guita. **A reinvenção da velhice: socialização e processo de representação do envelhecido.** São Paulo: Edusp/FAPESP 1999.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006

ELIAS, Nobert. **A Solidão dos Moribundos: seguido de envelhecer e morrer.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Memória, História, Testemunho In Memória e (res) sentimento Indagações sobre a questão sensível,** BRESCIANI, Stela e NAXARA, Márcia (org.); Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

_____. **Lembrar escrever esquecer** SP: Ed. 34, 2006

JOSSO, Marie- Christine. **Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento In Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si** SOUZA, Elizeu Clementino de e ABRAHÃO. Maria Helena Menna (org.); Porto Alegre: Edipucrs: Eduneb, 2006.

LACERDA, Lilian Maria. **Lendo vidas: A memória como escritura autobiográfica In Refúgios do eu: Educação, História e escrita autobiográfica** MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio, BASTOS, Maria Helena Camara e CUNHA, Maria Teresa Santos (org.) Florianópolis: mulheres, 2000.

MINOIS, Georges. **História da Velhice no Ocidente.** Lisboa: Teorema Editora, 1999.

NÉRI, Anita Liberalesso et all (org.). **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil.** São Paulo: Alínea, 2003.

ORTEGA, Francisco. **Autoconstituição do sujeito & O si mesmo e os outros. In Amizade e estética da existência em Michel Foucault.** RJ: Graal, 1999.

PINEAU, Gaston. **As histórias de vida como artes formadoras da existência In Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si** SOUZA, Elizeu Clementino de e ABRAHÃO. Maria Helena Menna (org.); Porto Alegre: Edipucrs: Eduneb, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2000.